



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas,  
ribeirinhos e desigualdades**

## **CAPITALISMO E ESCRAVIDAO: DETERMINAÇÕES ECONOMICAS DO “DESCOBRIMENTO” DA AMERICA E COLONIZAÇÃO ESCRAVISTA**

**JOSÉ AMILTON DE ALMEIDA<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Estuda as determinações econômicas da colonização escravista na América e suas mediações face à acumulação de capital. Trata-se de uma reflexão teórica fundada em revisão bibliográfica e documentos históricos, com quais se mostram os impulsos que levaram à colonização da América e extinção do mundo, então, encontrado em 1492 pelos europeus.

**Palavras-chave:** “Descobrimto”. Colonização escravista. Mercadoria. Capitalismo. Divisão racial do trabalho.

### **ABSTRACT**

It studies the economic determinations of slave colonization in America and its mediations in the face of capital accumulation. It is a theoretical reflection based on a bibliographic review and historical documents, which show the impulses that led to the colonization of America and the extinction of the world, then discovered in 1492 by Europeans.

**Keywords:** “Discovery”. Slave colonization. Merchandise. Capitalism. Racial division of labor.

### **Introdução**

Este artigo se dedica a entender algumas determinações econômicas do assim chamado “descobrimto” da América, e da combinação entre colonização escravista e acumulação de capital.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Para isso, vamos dar um salto em nosso passado remoto, anterior ao século XV quando, aqui, chegaram os europeus modernos. Queremos recuperar o modo como viviam nossos ancestrais e como essas sociedades foram suplantadas nesse encontro. O regresso às nossas origens importa para observarmos as grandes transformações que interromperam e desviaram o desenvolvimento natural das sociedades americanas pré-existentes à colonização para, então, emoldurá-las dentro das relações de produção mercantis, escravistas e capitalistas, ao que dar-se-á, mais tarde, o nome de “civilização”. E isso se fundou através dos métodos da invasão e do roubo, do extermínio, do saque, da mentira, da traição, da escravização e todo tipo de violência e rapina contra os povos originários, americanos e africanos. Assim alçou a humanidade a um novo patamar do desenvolvimento das suas forças produtivas, fertilizada com o sangue de negros/as e indígenas.

A metodologia de pesquisa está embasa em revisão bibliográfica e análise documental: cartas, diários e registros produzidos pelos navegadores que pisaram em solo americano no final do século XV e início do século XVI, através dos quais ficam evidentes os fundamentos econômicos e o espírito que movia a colonização continental, com ela, a introdução do modo de produção escravista em nosso território (Moura, 1994).

Conforme veremos, a relação entre capitalismo e escravização não é paradoxal, mas sim dialética. Isso quer dizer que essas duas relações sociais distintas de produção, aparentemente incompatíveis, não são excludentes, mas sim “diferenças” que atuam “dentro de uma unidade”. Conforme José de Souza Martins (2010), quando analisou as relações de trabalho supostamente atrasadas no campo brasileiro, poderíamos dizer que essa relação entre exploração escravista do trabalho e acumulação de capital se trata de uma “unidade dialética”, ou, ainda, de uma “unidade contraditória” (Martins, 2010), as quais estão em coerência com o que Marx (2008) chamou de “unidade da diversidade”.

Nesse mesmo sentido, Martins chega à conclusão de que o capitalismo gera, ao mesmo tempo, relações não-capitalistas de produção, necessárias ao seu pleno desenvolvimento, e das quais não pode se furtar (Martins, 2010; Oliveira, 2003). Os fundamentos dessa interação contraditória estão assentados nas leis próprias do “desenvolvimento desigual e combinado” (Martins, 2010; Oliveira, 2003). O intuito é fazermos uma análise material, histórica e dialética do processo que consolidou essa *unidade contraditória* entre capitalismo e “escravidão”, afim de contribuirmos para o estudo do fenômeno do racismo e na luta para combatê-lo.

## 1. Origem humana na América e seu reencontro com os parentes do além-mar



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Existem várias hipóteses e teorias em relação a presença humana na América. Mas, assim como há uma concordância em assumir que a espécie humana surgiu na África, de lá espalhando-se pelo mundo, as ciências modernas, a arqueologia, a antropologia, a paleantropologia e outras mais e diversas, partem de um determinado consenso sobre a hipótese de que, então, migrando da Ásia à América nórdica pelo estreito de Behring, teriam os primeiros grupos humanos chegados a este continente e, paulatinamente, foram se espalhando até chegarem à América do Sul<sup>2</sup> (FGV, 2024; Da-Gloria, 2021). De acordo com as datações de carbono medidas no material fossilizado encontrado nos sítios arqueológicos, as evidências mais antigas remontam a menos de 15 mil anos. Contudo, recentemente, nos Estados Unidos, arqueólogos descobriram pegadas fossilizadas que datam de 21 a 23 mil anos. Algumas linhas do tempo chegam a estimar a hipótese de 50 a 80 mil anos no passado (FGV, 2024).

De acordo com essa teoria, o movimento demográfico foi possível “graças ao fenômeno ocorrido no final da última era glacial [que findou há aproximadamente 12 mil anos], de rebaixamento do nível do mar e de união da Sibéria ao Alasca pela camada de gelo que cobriu o estreito de Bering” (FGV, 2024). Denominada de região da Beríngia, o nível do mar estava aproximadamente 100 metros mais baixo (Da-Gloria, 2019)<sup>3</sup>, deixando descoberta uma a passagem.

Assim, ao extremo norte do continente, encontramos os caçadores do litoral ártico; mais abaixo, os caçadores da floresta semi-ártica; ao norte do que hoje são os Estado Unidos, caçadores das planícies; ao sudeste agricultores silvestres; entre o sul dos Estados Unidos e México, os povos coletores do deserto; agricultores das savanas ao norte da América do Sul; tribos agricultoras no atual território brasileiro, como os caçadores do Chaco; e ao Sul da América Sul, os caçadores do Pampa. Registra-se, ainda, a existência de enormes civilizações e cidades, como os Maia e os Asteca, na Mesoamérica, e a civilização Inca, na América Sul.

Essas grandes civilizações haviam conquistado o conhecimento e manipulação dos elementos da natureza, mineral, hídrica, vegetal e animal; tinham desenvolvido a agricultura, criado sistemas de irrigação altamente complexos, alguns, a produção têxtil, a arquitetura e engenharia de construção, a urbanização e o planejamento, a astronomia, as artes, a religião politeísta. Além de dominarem a técnica da metalurgia para fundição do ouro, da prata, do cobre e do chumbo. Nenhum desse itens, porém, se constituíam como mercadorias, e isso é fundamental

<sup>2</sup> Há, contudo, outras teorias sobre a ocupação inicial das Américas. Ver Da-Gloria, 2019, p. 447.

<sup>3</sup> Ver texto. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/Mb8fsywchDhsXYd7MkvZHHR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

na diferenciação do seu modo de produção e as correspondentes relações sociais, assim como sua cultura e subjetividade, quando comparados com o modo de vida ocidental europeu com o qual se deparariam.

Os povos agricultores cultivavam muitas variedades de milho, feijão, fava, mandioca, coletavam frutos, vegetais, sementes e tubérculos, com quais se alimentavam e fabricavam medicamentos, além disso, combinavam esses hábitos a uma dieta rica em proteínas, graças à atividade da pesca e da caça. Com esse domínio da natureza externa, nossos ancestrais edificavam moradias e templos, produziam tinturas, vestimentas, instrumentos domésticos, armas, enfeites, joias e diversas expressões estéticas, a arte, o artesanato, esculpam e fabricavam objetos com quais representavam seus deuses e crenças.

No território brasileiro, as evidências mais antigas da povoação humana datam de aproximadamente 12 mil anos (Da-Gloria, 2021). Os etnolinguistas identificam o povoamento de grupos distintos, “que falavam línguas diferentes, pertencentes aos troncos tupi e macro-jê, mas também às famílias aruaque, caribe, pano e tucano, entre outras” (FGV, 2024). Atualmente, alguns estudiosos estão descobrindo que haviam grandes cidades no seio da Floresta amazônica, edificadas em plena harmonia com o meio, e que a própria Floresta se trata de um “grande jardim”, moldado durante milhares de anos pelas mãos e ações humanas dos povos da Floresta. Algo que os indígenas já sabiam, conforme advertiu em entrevista Ailton Krenak<sup>4</sup>.

Na produção e reprodução da vida material, nas relações entre os indivíduos, e mesmo na base social das grandes civilizações, predominavam as comunidades praticantes de uma economia natural, não havendo hiato entre a produção e o consumo, nem divisão social entre quem produz e quem se apropria do excedente. Ali se produzia e se consumia; a produção e distribuição era imediata; ninguém explorava, nem era explorado ou expropriado; exigia-se apenas “de cada um conforme suas capacidades, e a cada um conforme suas necessidades”. O certo é que em nenhuma dessas civilizações, algumas conformando nações, outras, tribos e famílias, e apesar de haver escambo e trocas direta – existia a propriedade privada tal como a conhecemos, nem o comércio nem o dinheiro. Tratavam-se de sociedades cujo modo de produção embasava-se simplesmente no “valor-de-uso”, sendo que a relação entre produtor e produto

---

<sup>4</sup> Ao recordar da luta indígena e dos seringueiros pelo direito de viverem na e da floresta, Krenak falou: “Os biólogos achavam que a floresta era um fenômeno natural, e os índios e os seringueiros diziam não, a floresta, nos cultivamos a floresta. A floresta é um jardim que a gente cultiva. A floresta não é a pré-história, a floresta é agora [...]” (Krenak, 2020). Entrevista filmada com Ailton Krenak. *Vozes da Floresta/Ailton Krenak*. Produção: Renata Jardim, João Lanari Bo. Direção, roteiro, edição e entrevistas: Thiago B. Mendonça. 14 abr. 2020. Duração: 50:38. Disponível em: <https://youtu.be/KRTJlh1os4w?si=LS7Vn4eFmZOnckyA>. Acesso em: 03 ago. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

estava organicamente unificada. As relações de produção eram meios de produção da própria vida; a vida não era um meio de produção da propriedade privada ou da riqueza alheia. Isso foi o que mais chamou a atenção e despertou o olhar cobiçoso dos europeus quando se depararam com essas sociedades pela primeira vez.

Entusiasmado com o que presenciara, Colombo, em sua Carta ao rei da Espanha sobre o descobrimento, de 1492, escreveu: *“Las mugeres me parece que trabajan más que los hombres, ni he podido entender si tienen bienes propios, que me pareció ver que aquéllos que uno tenía todos hazían parte, en especial de las cosas comederas”* (Colombo, 2024, p. 4, grifos nossos). Daí, em seu diário daquela viagem: *“Mas me pareció que era gente muy pobre de todo”* (Colombo, 2024b, p. 1). É comum que o europeu perceba as diferenças encontradas nos outros, em detrimento de si mesmo, como carência, falta, logo, pobreza. Américo Vespúcio (2013), estando em costa brasileira em 1501, chegou as mesmas conclusões a respeito da inexistência da propriedade privada entre essas populações. Entre as muitas coisas que observou, duas em especial lhe chamaram a atenção a) *“Não têm panos nem de lã, nem de linho, nem de seda porque não precisam deles. Nem têm bens próprios, mas todas as coisas são comuns”*; b) *“Entre eles não há mercadores nem comércio das coisas”* (Vespúcio, 2013, p. 7-8, grifos nossos). A esse respeito, também anotou:

Não possuem entre si bens próprios porque tudo é comum. Não têm fronteiras de reinos ou província; não têm rei nem obedecem a ninguém; cada um é senhor de si. Não administram justiça, que não é necessária para eles, porque neles não reina a cobiça. Habitam em comum, em casas feitas à maneira de cabanas muito grandes. Para gente que não possui ferro nem outro metal, pode-se dizer que suas cabanas são, na realidade, casas milagrosas, porque vi casas com 200 passos de comprimento e 30 de largura, fabricadas artisticamente; numa dessas casas estavam 500 ou 600 almas (Vespúcio, 2013, p. 81).

Por isso, o modo de vida dessas sociedades, como as que existiam no Brasil à época do eufêmico “descobrimento”, são, muitas vezes, denominadas por alguns estudiosos de “comunismo primitivo”: não havia propriedade privada, nem da terra nem dos meios de produção, por isso, não existia exploração do homem pelo homem, nem do homem sobre a mulher, nem divisão da sociedade em classes sociais, nem Estado. Embora não possamos deixar de mencionar que a própria noção de “primitivo” imputada a esse comunismo seja ela própria um resquício da influência evolucionista – e porque não dizer, desenvolvimentista – que dominava – e de certa maneira ainda domina – o pensamento ocidental, especialmente quando este tem em mira sociedades com modos de produção e de vida distintos do seu.

Das alienações ou estranhamentos humanos identificados nas sociedades da Floresta, apenas a alienação religiosa encontrava paralelo na cultura ocidental de onde vinha o colonizador,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

que trazia consigo os seus próprios mitos, crenças e teologia. Mesmo assim, nas sociedades indígenas de nosso território, ela não era um instrumento ideológico e institucional de dominação social de uma classe sobre outra, não tendo, portanto, o mesmo caráter que a Igreja tinha, e ainda tem. Nosso ancestrais também cultivavam seus deuses, adoravam seus mitos e símbolos, a partir de uma cosmovisão que combinava realidade e representações fantásticas, seres místicos e encantados, realizavam rituais e cerimônias: expressões da sua subjetividade social. Contra os seus deuses recaiu a hecatombe cristianizadora.

## 2. Determinantes econômicas do “descobrimento” da América e da colonização escravista

Pero Vaz de Caminha, quando escrevia dos “achados” ao Rei de Portugal, em 1500, narrou com entusiasmo o encontro com uma natureza exuberante, terras férteis, gentes saudáveis e belas, incomensuráveis animais e plantas, e até suspeita de ouro. Narrou ter encontrado “homens” e “mulheres”, mostrando-se admirando com a sua cor “parda” ou “avermelhada”, do que concluiu resultar de um ambiente tropical e banhado de muito Sol, descrevendo pessoas de corpos tão formosos e bem feitos como se vivessem no próprio Éden. Um mundo que, mesmo sendo analogamente interpretado como uma espécie de paraíso perdido, em breve, seria subvertido e quase totalmente destruído.

Engels (2006, p. 7) escreveu sobre Colombo que, quando o famoso “descobridor” descobriu a América não sabia que ao mesmo tempo dava nova vida à escravidão, há muito tempo desaparecida na Europa, e assentado a base do tráfico dos negros”. Mas o fato é que não lhe eram estranhos os métodos de “conquistas” que permitiriam tal base se desenvolver. As bulas papais que autorizavam conquistar, “invadir” e “subjugar”, e registrava a “caça” de “Guinéus” e “negros”, datavam já de 1454. Vide a seguinte passagem:

Não sem grande alegria, chegou ao nosso conhecimento que o nosso dito filho infante d. Henrique, incêndio no ardor da fé e elo da salvação das almas, se esforça por fazer conhecer e venerar em todo o orbe o nome gloriosíssimo de Deus, reduzindo à sua fé não ó os sarracenos, inimigos dela, como também quaisquer outros infiéis. *Guinéus e negros tomados, pela força, outros legitimamente adquiridos foram trazidos ao reino, o que esperamos progreda até a conversão do povo ou ao menos de muito mais.* Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, concedemos ao dito Rei Afonso a plena e livre a faculdade de, entre outras, *invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagão, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria dos seus descendentes [...]* (Nicolau V, 1454, apud Ribeiro, 2015, p. 32-33).

Ora, Colombo era um bom cristão. Provavelmente Engels não teve oportunidade de ler sua carta do “descobrimento” ao Rei de Castela, de 1492-93, em que Colombo assinala a facilidade em se obter escravos dentre as riquezas então listadas em seu inventário:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

*En conclusión, a hablar desto solamente que se ha fecho este viage que fue así de corida, que pueden ver Sus Altezas que yo les daré oro quanto ouieren menester con muy poquita ayuda que sus altezas me darán agora, especiaría y algodón quanto Sus Altezas mandaran cargar, y almástica quanta mandaran cargar; e de la qual fasta oy no se ha fallado salvo en Grecia en la isla de Xío, y el señorío la uende como quiere, y ligunáloe quanto mandaran cargar, y esclavos quantos mandaran cargar, e serán de los ydólatres (Colombo, 2024, p. 5, grifos nossos)*

Aludiu sobre as prósperas possibilidades de ganhos materiais e religiosos, a partir de uma combinação entre mercado e cristianização. Ao dar conhecimento sobre a Ilha que nomeou de Spañola (Atual República dominicana e Haiti), fica explícito o método com qual imediatamente selava as posses do Rei, as nomeando. Em Spañola, construíram um forte, lá deixaram homens para defende-la, ou tomá-la dos antigos habitantes, enfim, “destruir toda aquela terra”, conforme ele próprio menciona em sua carta:

*En esta Española, en el lugar más conuenible y mejor comarca para las minas del oro y de todo trato, así de la tierra firme de aquí como de aquella de allá del Gran Can, adonde haurá grand trato e ganancia, he tomado possession de una villa grande, a la qual puse nombre la villa de Navidad, y en ella he fecho fuerza y fortaleza, que ya a estas horas estará del todo acabada, y he dexado en ella gente que abasta para semeiante fecho, con armas y artellarias e vituallas por más de un año, y fusta y maestro de la mar en todas artes para fazer otras; y grande amistad con el Rey de aquella tierra, en tanto grado que se preciaua de me llamar y etener por hermano, e haunque le mudase la voluntad a hofrender esta gente, él ni los suos no saben qué sean armas, y andan desnudos como ya he dicho. Son los más temerosos que ay en el mundo, así que solamente la gente que allá queda es para destruir toda aquella tierra, y es ysla si peligro de sus personas sabiéndose regir (Colombo, [1493] 2024, p. 4, grifos nossos).*

Quanto à conversão cristã, a orientação é nítida:

*[...] Y dava yo graciosas mil cosas buenas que yo levava porque tomen amor; y allenda desto se farán cristianos, que se inclinan al amor e cervicio de sus altezas y de toda la nación castellana. [...]*

*[...] En todas estas islas no vide mucha diversidad de la fechora de la gente, ni en las costumbres, ni en la lengua, salvo que todos se entienden, que es cosa muy sigular, para lo que espero qué determinarán sus altezas para la coversación dellos de nuestra santa fé, a la qual son muy dispuestos [...] (Colombo, [1493] 2024, p.4, grifos nossos).*

Ouro é fé, mercado e cristianização, combinavam-se e serviam-se mutuamente. Quando Colombo anunciou sua volta à Europa, alertou que levava com ele à Castela (Espanha) alguns desses homens como evidência: “Otra ysla me seguran mayor que la Española, en que las personas no tienen ningún cabello. En ésta ay oro sin cuento y destas y de las otras traigo conmigo indios para testimonio” (Colombo [1493] 2024, p. 5).

Situações semelhantes a estas foram registradas também no “descobrimento” do Brasil. Os portugueses chegaram, ancoraram, desembarcaram, fizeram contato, intercambiaram objetos, rezaram missas, identificaram recursos necessários – água potável, lenha, animais e alimentos –, e ainda obtiveram ajuda desinteressada de seus novos “amigos”, a quem mais tarde tornariam seus “servos” e “escravos”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A história do Brasil costuma ser bastante romantizada, sobretudo porque é narrada por quem “conquistou”, invadiu, tomou e subjugou. O fato é que nem sempre o primeiro contato entre europeus e populações originárias se dava de forma amigável, sem mencionar que a possibilidade da subjugação já estava, econômica e juridicamente, assegurada. Nas narrações de Américo Vespúcio (2013), o contato conquistado coercitivamente fica evidente. Tratava-se de uma tática de conquista, repousada na infame arte da mentira, da falsa amizade e traição, que não tardaria a abrir as portas para o etnocídio e a escravização no Novo Mundo. Em 1499, em sua primeira viagem à América, Vespúcio escreveu sobre seus encontros com a populações locais, e em muitas passagens fica nítida a hostilidade com que ocorria alguns desses primeiros contatos. Ao descrever um encontro desse tipo, ocorrido na costa atlântica de nosso continente, ele informa que seus homens, após perseguiram um grande grupo de “índios” por horas, capturaram dois deles e, depois de os terem interrogado, os devolveram à sua comunidade alegando apenas quererem ser amigos e nada mais. Assim tomou nota:

Como vimos muita gente a vagar ali, dirigimo-nos prontamente até lá com nossos botes, levando no barquinho apreendido os dois que apanháramos na perseguição. Mal tocamos o pé na terra, todos, recolhendo-se temerosos, fugiram para esconderijos dos bosques vizinhos. Então, soltando um daqueles que havíamos prendido, depois de dar-lhe várias provas de amizade e também vários guizos, campainhas e espelhos, dissemos-lhe que os que haviam fugido não deveriam sentir temor por nossa causa, já que *desejávamos muito ser amigos* (Vespúcio, 2013, p. 38, grifos nossos).

Tais relatos vão dando o testemunho de que *a mentira foi um método de colonização*<sup>5</sup>. E isso funcionou relativamente bem, já que entre os povos originários operava uma outra ética que, diferentemente dos invasores, desconhecia a mentira. Era impossível para esses povos a conceberem. Tratava-se de uma novidade a ser aprendida com os europeus, e o preço do aprendizado seria demasiadamente caro e cruel.

Em sua Carta a Dom Manuel de Portugal, de 1501, Vespúcio registou ter encontrado o famigerado pau-brasil, que se tornaria o centro da economia de Portugal em sua nova colônia durante as primeiras décadas de exploração econômica:

Quase a maior parte das árvores desta ilha é pau-brasil, e tão bom como aquele do Oriente. Dessa ilha fomos a uma outra distante dela léguas e encontramos uma grandíssima aldeia que tinha as casas construídas com muito artifício e maravilha sobre o mar, como Veneza. Acordamos ir vê-las, e, quando fomos às suas casas, querendo impedir que nelas entrássemos, experimentaram como as espadas cortam e tiveram por bem deixar-nos entrar. Vimos que tinham as casas cheias de algodão finíssimo, e todas as traves das casas eram de pau-brasil. Tiramos muito algodão e pau-brasil e tornamos aos navios. Deveis

<sup>5</sup> Dentre as mentiras, uma e bastante cômica: em suas cartas, tanto Colombo quanto Vespúcio mencionam terem dito aos “índios”, quando perguntados por eles sobre sua origem, que vinham do céu. Da nossa parte, supomos ser, no mínimo, ingenuidade pensar que os “índios” acreditassem nesta bobagem. Se vinham do céu, por que então não chegavam voando ao invés de despontarem no horizonte pelo mar em suas embarcações?



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

saber que, em todos os lugares onde saltamos em terra, encontramos sempre grande quantidade de algodão e os campos cheios de algodoeiros, que se podia carregar quantos navios existem no mundo de algodão e pau-brasil. (Vespúcio, 2013, p. 67).

No que toca à questão do escravismo, já antes disso, quando da volta da viagem de 1499, feita em nome do Rei da Espanha, Vespúcio afirma ter retornado com 232 “escravos”, acerca do que escreveu: “[...] A vista disso *acordamos aprisionar escravos e deles carregar os navios e voltar à Espanha*. Fomos a certa ilha e pegamos à força 232 almas, tomamos a rota de Castela[...]” (Vespúcio, 2013, p. 69). Dos 232 capturados, 32 morreram no caminho, aparecendo como simples perda no balanço financeiro da empresa que estivera operando a mais de um ano em pleno mar. Como se travava, antes de mais nada, de um negócio, no final, o balanço é feito e seus dividendo são distribuídos entre os investidores:

Chegados que fomos a Cádiz, vimos nossos escravos e encontramos vivos 200 deles. Os que faltavam para completar 232 tinham morrido no golfo. Deduzidas todas as despesas que foram feitas com os navios, restavam 500 ducados, os quais foram repartidos em 55 partes, sendo pouco o que tocou a cada um; também nos contentamos por ter chegado com vida e a salvo, e damos graças a Deus que, em toda a viagem, dos 52 homens cristãos que éramos, não morreram senão dois, mortos pelos *índios* (p. 69).

Seja em sua Carta ao Rei da Espanha, descrevendo a viagem de 1499, ou ao Rei de Portugal, viagem de 1501, a preocupação econômica de Vespúcio se mostra nítida. Ao rei de Portugal ele recomendou com entusiasmo: “este sereníssimo rei mandando visitá-la agora, tenho a esperança de que não passarão muitos anos para *trazer grandíssimo proveito e renda* a este reino de Portugal” (Vespúcio, 2013, p. 84, grifos nossos). Das riquezas potenciais, dentre muitas outras coisas, listou:

Achamos infinito pau-brasil, muito bom para carregar quantos navios estiverem hoje no mar, sem nenhum custo, e também canafístula. Vimos cristal e infinitos sabores e odores de especiarias e drogas que não se conheciam. Os homens do país falam de ouro e de outros metais e drogas, mas estas não são conhecidas, e muitos milagres, mas eu sou daqueles de São Tomé: o tempo fará tudo. O céu, na maior parte do tempo, mostra-se sereno e adornado com muitas e claras estrelas brilhantes; anotei os círculos de todas (Vespúcio, 2013, p. 84).

Esses são alguns dos determinantes econômicas do “descobrimento” da América e da colonização escravista, acumulação originária de capital, e continuarão a sê-lo no capitalismo. Ainda hoje, não nos livramos completamente deles.

### 3. Nascia o Capitalismo e a escravidão moderna

A Europa, às vésperas do suposto “descobrimento”, estava em pleno florescimento de novas relações econômicas e sociais. Estava, pois, em curso uma revolução econômica, científica, artística, tecnológica e comercial. Da parte do mercado, sua extraordinária



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

intensificação contou com o apoio crucial dos avanços “concentrados na nau oceânica, com suas novas velas de mar alto, seu leme fixo, sua bussola seu astrolábio e, sobretudo, seu conjunto de canhões de guerra [...]”. Não obstante, “a tipografia de Guternberg, duplicando a disponibilidade de livros, além do ferro fundido, generalizando utensílios e apetrechos de guerra” (Ribeiro, 2015, p. 32).

Os espanhóis, com Colombo, haviam chegado à América Central (1492), os Portugueses, com Vasco da Gama, às Índias pelo oceano (1498) e com Cabral (1500) à América do Sul (1500); os ingleses, embora retardatário, colonizariam a América do Norte. Holandeses e Franceses entrariam também na disputa pela partilha do “Novo Mundo”, concorrendo com ingleses, espanhóis, portugueses e entre si. Todos conduzidos pelas forças econômicas do mercantilismo, que então levavam as classes dominantes (nobreza, clero e mercadores) à cooperação no investimento das grandes navegações. Eram guiados pela expectativa de muito ganho e enriquecimento. E o obtiveram afinal, especialmente com o sucesso do rentoso negócio do tráfico de madeiras, ouro, matérias-primas diversas de origem vegetal e animal, combinados à exploração ou genocídio indígena em todas as Américas, ou, então, com o tráfico de pessoas de África para serem escravizadas nas grandes plantações. Atividade em que Portugal foi pioneiro.

A combinação dos fatores exploração em larga escala da terra e do trabalho escravizado, para produção de mercadorias agrícolas exportáveis, confluíram para a consolidação do denominado sistema de *plantations* (Genovese, 1976; Prado Jr., 2014), que perdurou nas zonas tropicais, Sul da América do norte, Caribe e Antilhas, e na América brasileira até o século XIX. Assim se consolidou o “modo de produção escravista colonial” (Gorender, 2016), através do qual o negócio dessa “grande empresa colonial” (Prado Jr., 2014, Gorender, 2016; Moura, 1994) tornou-se possível, rentável e cobiçada, e se prolongou por quase quatro séculos. Ela remonta o núcleo em torno do qual se constitui a formação social brasileira.

Na Inglaterra, à época do descobrimento, pioneira no desenvolvimento das relações capitalistas – o que se passaria, no decorrer de alguns séculos, em toda a Europa –, a servidão já havia praticamente desaparecido, em detrimento do recém-desenvolvimento de uma classe de camponeses economicamente livres, que exploravam livremente a terra e, ademais da subsistência própria, geravam um excedente agrícola que era intercambiado como mercadoria. Ao seu lado, desenvolviam-se outra nova classe, a dos capitalistas fundiários, nas origens, arrendatários de terras, os quais se caracterizavam por explorá-la de modo capitalista, isto é,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

extraíndo mais-valor de seus trabalhadores, lhes pagando um salário, e pagando uma renda fundiária aos senhores de terras, produzindo mercadorias agrícolas a fim de obter lucro.

Em suma, aos trabalhadores caberia a exploração de sua força de trabalho, que era vendida por um salário; ao proprietário de terra, a renda da terra, que era obtida do pagamento feito pelo capitalista em troca da autorização para explorar a terra; ao arrendatário capitalista, o lucro, que resultava da troca do seu produto no mercado por dinheiro, depois de deduzidos os gastos no investimento. A parte deste lucro que é reinvestida na produção, seja em compra de mais força de trabalho ou em meios de produção, e a reprodução deste ciclo, é o que constitui propriamente o capital.

Naquelas relações originárias, os arrendatários começaram a se sentir injustiçados e explorados pelos senhores de terras, já que tinham de pagar uma renda a eles pelo direito de produzir no solo. Em algumas formações sociais burguesas, essas duas classes, capitalistas e proprietário de terras, entraram em confronto direto e o resultado foram grandes revoluções modernas por meio das quais a burguesia assentou seu poder de classe dominante e o capital consolidou seu modo de produção. Noutras, porém, encontraram um ponto de equilíbrio e acomodação entre os seus interesses, evidentemente em detrimento dos interesses das massas, exploradas e oprimidas: o Brasil é um exemplar deste tipo de acomodação de classes, ora denominada de *via prussiana*, ora de *revolução passiva, pelo alto ou por cima* (Coutinho, 2000), na qual as elites agrárias e a burguesia industrial e urbana, mesmo havendo eventuais divergências e disputas entre elas, terminam por conciliar seus interesses, em defesa da propriedade privada burguesa, da terra e dos meios de produção, frente aos interesses das massas expropriadas, oprimidas e exploradas.

O que estava em fermentação nada mais era do que o processo no qual o mercado, de agentes lateral e secundário nas relações sociais fundamentais, se deslocava pouco a pouco para o centro, passando a predominar como relação social não mais apenas entre as classes abastadas e privilegiadas, mas, ao expropriar as massa camponesas e artesãs e intensificar a urbanização, todo o circuito, da produção ao consumo, assim como a troca e a circulação, até determinar a vida dos trabalhadores por completo, transformando a sua própria força de trabalho, a terra e o meios de satisfação de suas necessidades em mercadoria. O dinheiro passava a mediar todas as relações; o capital, a determinar as leis do desenvolvimento social. Não obstante, as relações sociais que serviram de incubadora para o desenvolvimento desse novo modo de produção, não lhes servem mais, ao contrário, impedem-lhe e obstaculizam o seu pleno



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

desenvolvimento. A velha ordem feudal estava em crise. Ela é, então, destruída, e as classes que foram geradas em seu ventre podem, enfim, florescer plenamente, com isso, gerar as suas próprias contradições, antagonismos, materialidade histórica e dialética próprias, enraizadas num novo modo de produção: o modo de produção capitalista.

Entre os britânicos, estava em curso também um intenso movimento de expropriação das massas camponesas, os cercamentos dos campos comuns, que estariam, agora, voltados para o cultivo de pastagens; para a criação de ovelha; para fornecimento de lã; para ser fiada na manufatura e transformada em tecido; para ser vendido no mercado e transformada em lucro; para retornar à produção como capital. Outros ramos estavam ligados à produção agrícola, igualmente comercial, de alimentos, ou de matéria-prima e minerais. Foi quando apareceu a propriedade privada puramente capitalista na forma de lucro, separada da renda da terra e do salário do trabalhador, e no papel de elemento determinante ou momento predominante entre os demais. Com isso, estava em andamento um processo que, num curto lapso de tempo, levaria à destruição definitiva das relações feudais, à extinção dos servos e à proletarização e pauperização dos trabalhadores. De um lado, estava germinando o proletariado moderno, do outro, a burguesia, respectivamente, uma classe de desapossados e expropriados, outra, proprietária dos meios de produção, uma sendo explorada pela outra.

A luta de classes se desenvolveria, mais tarde, no antagonismo entre os interesses dos capitalistas, dos proprietários de terras e dos trabalhadores, assalariados ou desempregados, sujeitos estes os quais irão constituir, na sociedade moderna, as três classes fundamentais. Por sua vez, na medida em que se desenvolvia, particularmente, a economia colonial, além de um insipiente processo de acumulação interno, ela alimentava a metrópole europeia e confluía para que lá se desse a acumulação de capital, ajudando a criar as bases para o seu desenvolvimento industrial e urbano.

Sendo parte desse movimento, o impulsionando e tendo o seu próprio desenvolvimento impulsionado por ele, não era nada disso, porém, que se passava na formação social brasileira. Aqui, com a colonização, não era o trabalho “livre”, assalariado, que dava sinais de nascer, ao contrário, a liberdade é que era suplantada para impor a disciplina do trabalho moderno: o trabalho escravizado, combinado à acumulação de capital.

#### **4. Fundamentos sócio-históricos e teóricos da formação social brasileira**



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Essa foi a base sobre a qual se ergueu a nossa formação, ou seja, a partir de um mundo onde já não mais, nem tão somente, as coisas se tornavam mercadorias, mas já também as pessoas: no “Velho Mundo”, era o proletariado que se tornava mercadoria; no Novo”, o escravizado. Quanto a este último, não era apenas a sua força de trabalho, mas a própria pessoa que era reduzida a tal condição mercantil. Sua própria existência física é que se tornaria, doravante, propriedade de outrem, um patrimônio semovente, (Moura, 1994). Essas mercadorias humanas, para chegarem a tal condição, foram capturadas, aprisionadas, amarradas e transportadas como animais ou uma coisa qualquer, para serem escravizadas nas plantações, nas senzalas, mas também na casa grande, assim como nas cidades, no trabalho braçal, na construção civil, no comércio e serviços. Quanto às plantações, estas estavam voltadas para a produção de mercadorias agrícolas, destinadas à exportação. Combinando tráfico de pessoas e produção mercantil, do continente africano importava-se mercadoria humana, do Brasil exportava-se mercadoria agrícola, com os quais acumulava-se o capital europeu, seja através das mãos dos traficantes, dos plantadores, dos comerciantes, dos usurários, dos cristãos, das autoridades reais ou dos parlamentares. Do Vaticano à Inglaterra, toda a alta sociedade, direta ou indiretamente, se envolveu no enriquecedor negócio da colonização e escravização.

Com isso, uma nova modalidade de escravidão foi inventada, a escravidão em massa e larga escala, adequada à produção agrícola em massa e larga escala, dirigidas e sistematicamente organizadas para o comércio e consumo mundial de produtos como algodão, fumo, açúcar, café, ouro, diamante, minerais, vegetais e matérias-primas. Em seu pleno desenvolvimento, o esquema era completo: a Europa produzia manufaturados, a África fornecia a força de trabalho, a América fornecia produtos agrícolas, matéria-prima, ouro, minerais, metais etc. Assim, para os colonizadores, dois problemas estavam resolvidos: o da produção e o do fornecimento da força de trabalho para tal. Sem falar que o próprio tráfico se constituía como um ramo particular também dos negócios, um setor central da economia mercantil-escravista, de controle do mercado de trabalho escravo, um dos mais lucrativos negócios da escravização. Não era incomum, por isso, que os traficantes possuíssem, também, suas próprias plantações na colônia escravista; alguns agregavam, ainda, indústrias na Europa; outros, prestígios na sociedade europeia e até cargos no parlamento (Williams, 1975). A Igreja e os padres, não raramente, tiveram a sua própria *plantation* (Gorender, 2016), ao mesmo tempo em que ensinavam como o bondoso Deus libertaria as almas indígenas e negras as escravizando até morrerem nas plantações ou na casa grande.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Assim, uma nova cooperação e uma nova divisão do trabalho nasceu nas plantações escravistas, que se mostra ser de novo tipo, um tipo industrial de organização do trabalho (Gorender, 2016)<sup>6</sup>, sem que a própria indústria capitalista tivesse ainda dado os largos passos que daria nos séculos XVII e XVIII, com a invenção do motor a vapor, o desenvolvimento da maquinaria e da grande indústria. O ciclo se perpetuava num ritmo em que o escravizado, uma vez roubado, comprado transportado desde o continente africano, entrava nas colônias com mercadoria, era comprado por algum donatário de terras e tornava-se seu “escravo”, assim, submergia na produção como trabalhador, produzia valores-de-troca, os quais se realizavam, então, no mercado metropolitano e europeu, seja como consumo humano ou consumo produtivo das manufaturas e indústrias, propiciando um lucro aos diferentes investidores do processo de produção, troca e circulação.

Portanto, quando Colombo chegou à América central, Cabral ao Brasil, Vasco da Gama em Calecute na Índia pelo mar, e os Ingleses à América do Norte, era esse o espírito que os guiava. O que os movia não era outra coisa senão a possibilidade do saque, riqueza e poder. Ainda que, como desmascarou Ribeiro (p. 32), não fosse assim que, naturalmente, eles se vissem, “eles se davam ao luxo de propor-se motivações mais nobres que as mercantis, definindo-se como os expansores da cristandade católica sobre os povos existentes e por existir no além-mar”.

Sob esses pressupostos colonizou-se a América. Sob eles, multidões inteiras foram caçadas, povos foram extintos, culturas, esmagadas, perdidas, apagadas, reduzidas a cinzas e a pó. Muitas outras, porém, sobrevivem e resistem, e mantém acesa a chama para iluminar o futuro da humanidade.

## Considerações Finais

O método escravista permanece como uma relação subordinada no modo de produção capitalista. Em 1888, quando foi legalmente abolida a escravização no Brasil, o capitalismo mundial já era imperialista e monopólico, mesmo assim, com o fim do escravismo formal, socialmente legitimado, consentido e legalmente aceito, a prática escravizadora não desaparece. Ainda que clandestinamente e nas sombras, ela permanece ativa, passando, no capitalismo dependente, de uma relação determinante para determinada. Portanto, a escravização

<sup>6</sup> Esse caráter industrial das novas relações de produção então edificadas como o “escravismo colonial”, conforme Gorender (2016), expressam-se nos seguintes “traços característicos principais”: “1º Especialização na produção de gêneros comerciais destinados ao mercado mundial. [...] 2º Trabalho por equipe sob comando unificado” (Gorender, 2016, p. 25); “3º Conjugação estreita e indispensável, no mesmo estabelecimento, do cultivo agrícola e de um beneficiamento complexo do produto [...]” (Gorender, 2016, p. 126); “4º Divisão do trabalho quantitativa e qualitativa” (Gorender, 2016, p. 129).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

negro-indígena não é uma modalidade de trabalho arcaica, cuja existência deva ser esquecida no passado, mas sim uma modalidade tão moderna quanto o próprio capitalismo, com qual e para o qual ela se desenvolveu. Aquela é apropriada e refuncionalizada a todo momento por este, conforme o seu sentido econômico, uma vez que a escravização se encontra determinada pelas leis próprias do “desenvolvimento desigual e combinado”, cujas relações capitalistas de produção geram, ao mesmo tempo, relações de produção não-capitalistas (Martins, 2010; Oliveira, 2003).

A despeito do racismo “científico”, da pseudociência eugenista de base positivista ou neopositivista, que buscava justificar as desigualdades raciais pelas leis da natureza, da biologia e da evolução natural das espécies, o racismo é uma relação social, material e ideologicamente constituída. Sua materialidade consiste, de início, na exploração étnica, que logo se converte numa exploração racial conforme a cor da pele, o tipo de cabelo e os traços fenóticos dos povos subjugados, sendo homogeneizados como negros, pardos, mestiços ou “índios”; sua ideologia principal, que começa com a Igreja e, mais tarde, se estende à “ciência”, consiste em fazer as diferenças naturais (Safiotti, 1976), como a cor da pele, por exemplo, apareçam como se fossem indicativos naturais de inferioridade, de pré-desenvolvimento humano, de uma constituição primitiva e semianimal, de um modo de vida social e culturalmente arcaico e subdesenvolvido, de um povo incapaz de gerir a si próprio, não civilizado, bárbaro ou ingênuo, que precisava ser tutelado pela civilização, pelos senhores e pelo Estado. E no final das contas, a verdadeira ciência mostrará que somos todos *homo sapiens-sapiens*. Sendo assim, a ideologia consiste no apagamento que leva ao esquecimento de como os negros e povos originários foram realmente reduzidos a essa condição inferior na sociedade moderna, e permite a bandidos, invasores, etnocidas e saqueadores se apresentem como heróis, se transformarem em mártires, com direito à homenagem em livros de história, à nomeação de cidades, estradas e monumentos. São os mesmos fundamentos que, por outro lado, coadunam para transformar os heróis dos povos negros e indígenas em criminosos, bandidos e foras da lei, fazendo com que a luta de classes e a luta pela dominação étnica e racial se deem não apenas no âmbito econômico, material, mas também no terreno das ideias.

A atualização do escravismo, em nossos tempos, está traduzida nas denominações de “escravidão contemporânea” ou “condições análogas à escravidão”. Estatísticas<sup>7</sup> registram que,

---

<sup>7</sup> Dados da Organização Internacional para as Migrações / ONU, mostram que 28 milhões estavam em condições análogas à escravidão e 22 milhões em situação de casamento forçado. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/50-milhoes-de-pessoas-vivem-em-condicao-de-escravidao-moderna-no-mundo>. Acesso em, 14 jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

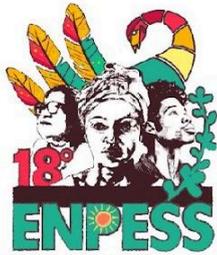
em 2021, haviam 50 milhões de pessoas em condições análogas à escravidão no mundo (OMI/ONU, 2023). Mesmo habitando o submundo do trabalho e da clandestinidade, ainda que sendo legalmente criminalizado e punível, no Brasil, de 1995 a 2022, foram registrados mais de 60 mil casos (CPT, 2023), comprovando que, ademais das singularidades de que ela se reveste em relação à tradicional escravidão do século XVI ao XIX, sua coloração ainda é negra, parda e mestiça. Seus tipos regionais e nacionais, como o próprio fenômeno social do racismo, não são mais que variações da divisão racial do trabalho no capitalismo, as quais, vistas ligeiramente, parecem não guardar qualquer relação com a história progressiva e perder o vínculo com o passado.

Não obstante, há uma reconfiguração do racismo, acarretada pelas mudanças do escravismo para o capitalismo, resultando para a “questão social” novas determinações, com elas, novas interpretações, ilusões e distorções que a teoria social deve desfazer.

Que elementos ou variações se desenvolveram no processo de divisão racial do trabalho no capitalismo contemporâneo? E na luta de classes? Que tendência se verificam numa análise prospectiva? As respostas para essas perguntas é o que se espera de um estudo atualizado sobre a relação entre capitalismo, escravidão e racismo no Brasil, e há uma gama de bibliografias nesse sentido que nos ajudam a encontrarmos algumas respostas. Não foi essa, porém, a tarefa enfrentada neste breve manuscrito, mas num estudo futuro, que pretende dar sequência à discussão e aprofundar a análise de alguns aspectos elementares, apenas rapidamente esboçados aqui.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Nós, os Humanos: do mundo à vida, da vida à cultura. São Paulo: Cortez, 2015.
- CAMINHA, Pero Vaz de. A carta de pero Vaz de caminha. Domínio Público. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=105](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=105): Acesso em: 23 jul. 2024.
- COLOMBO, Cristóvão (1493). Carta de Colón anunciando el Descubrimiento. *Domínio Público*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=1941](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=1941). Acesso em: 23 jul. 2024.
- COLOMBO, Cristóvão (1492). **Diario de a bordo – Llegada**. *Domínio Público*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&co\\_autor=1941](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=1941). Acesso em: 23 jul. 2024b.
- COUTINHO. Marxismo e “imagem do Brasil” em Florestan Fernandes. *Temas Brasil*, 2000. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/coutinho/2000/mes/marxismo.htm>. Acesso em: 11 jan. 2022. Da- Gloria.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

CPT. Conflito no campo. Brasil, 2022. Goiânia: CPT, 2023. Disponível em:  
<https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/6354-conflitos-no-campo-brasil-2022>.

Acesso em: 18 jul. 2023.

DA-GLORIA, Pedro. Primeiras ocupações humanas na América sob uma perspectiva bioarqueológica. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 14, n. 2, p. 429-457, maio-ago. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/Mb8fsywchDhsXYd7MkvZHHR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2024.

ENGELS. Sobre o papel do trabalho no processo de transformação do macaco em homem. *Trabalho Necessário*. Ano 4, nº 4, 2006, p. 1-9. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/4603>. Acesso em: 23 jul. 2024.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Atlas Histórico do Brasil. Disponível: <https://atlas.fgv.br/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

GENOVESE. *A economia política da escravidão* Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

KRENACK, Ailton. *Vozes da Floresta/Ailton Krenak*. Produção: Renata Jardim, João Lanari Bo. Direção, roteiro, edição e entrevistas: Thiago B. Mendonça. 14 abr. 2020. Duração: 50:38. Disponível em: <https://youtu.be/KRTJh1os4w?si=LS7Vn4eFmZOnckyA>. Acesso em: 03 ago. 2024.

GORENDER, Jacob. *O escravismo Colonial*. 6 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

MARTINS, José de Sousa. *O cativo da terra*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: o processo de produção do capital*. Livro I, vol. 2, 2 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

MARX, Karl. Introdução à Contribuição à Crítica da economia política. In: Marx, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2 ed. São Paula: Expressão Popular, 2008, p. 235-270.

MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: editora Anita, 1994.

OIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista*. São Paulo: Boitempo, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido*. 3 ed. São Paulo: Global, 2015.

VESPÚCIO, Américo. *Novo mundo: as cartas que batizaram o brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

PILOTO ANÔNIMO. *Relação do Piloto anônimo*. Domínio Público. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000057.pdf>. Acesso em: 23 jul 2024.

PRADO JR. PRADO JR. *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 1976.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1975.